

## *A Bíblia Contém Paradoxo?*

por

W. Gary Crampton

De acordo com Kenneth S. Kantzer, editor da *Christianity Today*, há dois tipos de paradoxos: retórico e lógico. O primeiro é “uma figura usada para lançar luz sobre um tópico desafiando a razão da outra pessoa, e assim, assustando-a” (*Evangelical Dictionary of Theology*, editado por Walter A. Elwell, 826, 827; Robert L. Reymond, *Preach The Word!* 31, 32). A Bíblia contém muitos paradoxos retóricos (compare Mateus 10:29; João 11:25,26; 2 Coríntios 6:9,10).

Paradoxos lógicos, contudo, são muito diferentes. Aqui nós temos uma situação onde uma afirmação (ou duas ou três afirmações) é auto-contraditória, ou pelo menos parece ser. De uma forma ou de outra a afirmação não pode ser reconciliada diante do tribunal da razão humana. A união hipostática das naturezas divina e humana na pessoa una de Jesus Cristo, a eleição incondicional e a livre oferta do Evangelho e a soberania de Deus e a responsabilidade do homem são exemplos apresentados pelos advogados do paradoxo bíblico (lógico).

Por exemplo, Edwin H. Palmer em *The Five Points of Calvinism* refere à doutrina da soberania de Deus e a responsabilidade do homem como um “paradoxo” que o calvinista afirma, “a despeito de toda lógica” (85). Deus nos fala em tal linguagem? Ele é o autor do paradoxo lógico? Não, diz o apóstolo Paulo, “Deus não é o autor de confusão” (1 Coríntios 14:33).

E, todavia, mui freqüentemente tais comentários são ouvidos dentro do campo da ortodoxia. J. I. Packer faz a declaração de que a Bíblia é cheia de tais paradoxos (ele se refere a elas como antinomias). Packer escreve que essas antinomias estão “aparentemente em posições incompatíveis” com as quais devemos aprender a viver. Nós devemos “rejeitar considerar a inconsistência aparente como real” (*Evangelism and the Sovereignty of God*, 18-21)<sup>1</sup>. Cornelius Van Til concorda com esse ponto também. Ele vai mais adiante e diz: “Agora, visto que Deus não é plenamente compreensível a nós, estamos obrigados a estar envolvidos no que parece ser contradições em todo o nosso conhecimento. Nosso conhecimento é analógico [isto é, não há ponto inequívoco no qual o conhecimento de Deus é o mesmo que o conhecimento do homem] e, portanto, deve ser paradoxal” (*The Defense of the Faith*, 44). Mais adiante Van Til diz: “Todas as verdades da religião cristã têm necessariamente a aparência de serem contraditórias” (*Common Grace and the Gospel*, 165).

---

<sup>1</sup> Publicado no Brasil pela Editora Cultura Cristã. “[A Evangelização e a Soberania de Deus](#)”, J.I. Packer.

Há declarações incríveis vindas de eruditos ortodoxos eminentes, tais como Dr. Palmer, Dr. Packer e Dr. Van Til; e, todavia, tristemente, elas não são tão incomuns. Como deveríamos ver o paradoxo lógico da forma como ele é (supostamente) encontrado na Escritura? Segundo Gordon Clark, o assunto do paradoxo bíblico é totalmente subjetivo. O que pode ser paradoxal para um, pode não ser para outro (*The Atonement*, 32).

Por exemplo, o paradoxo do Dr. Palmer, citado acima, com respeito à soberania de Deus e a responsabilidade do homem, não é um paradoxo de forma alguma para John Gerstner, que escreve: “Nós não vemos porque é impossível para Deus predestinar que um ato aconteça por meio da escolha deliberada [isto é, a responsabilidade humana] de indivíduos específicos” (*A Predestination Primer*, 26). Nem era um paradoxo para os teólogos de Westminster, que mantiveram que “Deus desde toda a eternidade, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias [isto é, responsabilidade humana], antes estabelecidas” (CFW, III, 1). A doutrina pode ser um “alto mistério” (isto é, difícil de plena compreensão), mas não é de forma alguma paradoxal (isto é, impossível de ser reconciliada), diz Westminster (III,8). De fato, a doutrina “deve ser tratada com especial prudência e cuidado”, por homens que buscam “a vontade de Deus [como] revelada em Sua palavra” (III,8). Isso, certamente, não seria possível com qualquer doutrina que não possa ser reconciliada pela mente do homem.

O presente autor concorda com o Dr. Clark quando ele diz que um paradoxo bíblico não é nada mais do que “uma câimbra muscular entre os ouvidos que pode ser eliminada pela massagem racional”. Insistir sobre a existência do paradoxo lógico na Bíblia é sustentar, pelo menos implicitamente, uma visão muito baixa da infalível Palavra de Deus. (Essa declaração não deve de forma alguma ser entendida como uma difamação contra o Dr. Palmer, Dr. Packer e Dr. Van Til, todos os quais sustentam uma alta visão da inspiração bíblica.) Pois, como Clark diz em outro lugar: “depende de... paradoxos... destrói tanto a revelação como a teologia e nos deixa na completa ignorância” (*The Philosophy of Gordon Clark*, editado por Ronald Nash, 78).

Interessantemente, a afirmação do paradoxo bíblico é um dos principais dogmas da neo-ortodoxia, uma teologia que se deleita tanto na existência de tal paradoxo que é chamada “A Teologia do Paradoxo” (Kantzer, *loc. cit.*). Karl Barth e Emil Brunner, por exemplo, declaram a existência de contradições dentro da Bíblia (na neo-ortodoxia a Bíblia não é “a Palavra de Deus”; antes, ela contém a Palavra de Deus). Barth reivindica que a Bíblia é em cada exemplo nada mais do que palavras vulneráveis de homens, que são falíveis e errantes em seus escritos (*Church Dogmatics*, I: 2:507ff.). Segundo Barth, é indigno o Deus transcendente revelar a Si mesmo, em Cristo, através de declarações proposicionais simplórias. Assim, na Bíblia encontraremos numerosas declarações paradoxais e contraditórias.

Emil Brunner, outro campeão da neo-ortodoxia, concorda. Seguindo Soren Kierkegaard, Brunner reconhece que a fé cristã, a Bíblia, a revelação de Deus para o homem, e assim por diante, devem todas ser vistas como paradoxais. Sendo tal o caso, a Bíblia nunca deve ser considerada a infalível Palavra de Deus. Ela contém inúmeras contradições, isto é, paradoxos (Robert L. Reymond, *Brunner's Dialectical Encounter*, 88ff; Stewart Custer, *Does Inspiration Demand Inerrancy?* 76ss.). Nesse ponto, Brunner vai ao ponto de dizer que a contradição é a marca registrada da verdade religiosa (citado em John Gerstner, *Jonathan Edwards: A Mini-Theology*, 24). Que tipo de absurdo é esse? Um absurdo muito acadêmico.

A teologia neo-ortodoxa, seguindo sobre os passos de Immanuel Kant e os teólogos "immanentísticos" Friedrich Schleiermacher e Albrecht Ritschl, procura erigir um muro entre a Deidade transcendente e o homem (Ronald Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 17ff.) O verdadeiro conhecimento não é possível; Ele é "totalmente outro" (Barth). Além do mais, mantém a neo-ortodoxia, porque a revelação proposicional não é possível, o agnosticismo teológico é o resultado.

De forma compreensível, esses ensinamentos nas redondezas teológicas conduziram a um divórcio entre a verdade cristã (e fé) e a razão. O que não encontramos freqüentemente também é o resultado do que Nash chama "a revolta religiosa contra a lógica" (*ibid.*, 918.). Embora Agostinho reivindicasse que a lógica era divinamente ordenada (até mesmo um atributo de Deus), e, assim, deveria ser confiada e usada pelo homem como o portador da imagem de Deus, a neo-ortodoxia e muitos mais o evangelicalismo moderno de hoje negam que a lógica possa ser confiável.

O evangélico Donald Bloesch, por exemplo, nega abertamente que haja um ponto inequívoco no qual a lógica e o conhecimento do homem sejam os mesmos de Deus. Devido à falta de um ponto de contato, o paradoxo deve existir na Escritura. Herman Dooyeweerd, e a maioria da escola de Filosofia de Amsterdam, por outro lado, têm erigido um "Limite" entre Deus, como Legislador, e o homem, como recipiente. As leis da lógica existem somente do lado humano do Limite. Se esse Limite Dooyeweerdian realmente existe, Deus nunca pode relevar algo às Suas criaturas, e o homem nunca pode conhecer algo sobre Deus, incluindo a noção do Limite.

A verdade da questão é, contudo, que a lógica é um atributo do próprio Deus. Ele é o Deus da verdade (Salmo 31:5); Cristo é a verdade (Sabedoria, lógica, razão, etc.) Encarnada João 14:6; 1 Coríntios 1:24; Colossenses 2:3). Deus não é o autor de confusão (1 Coríntios 14:33); assim, Ele não pode falar a nós em declarações ilógicas e paradoxais. Porque a lógica é um dos atributos de Deus, as leis da lógica são princípios eternos. E porque o homem é um portador da imagem de Deus, essas leis são uma parte do homem. Deve haver, então, um ponto de contato entre a lógica (e conhecimento) de Deus e do homem.

Carl Henry escreve: "A insistência sobre um abismo lógico entre as concepções humanas e Deus como o objeto do conhecimento religioso é erosivo do conhecimento e não pode escapar de uma redução ao ceticismo.

Conceitos que por definição são inadequados para a verdade de Deus não podem ser compensados da deficiência lógica apelando-se à onipotência de Deus ou à Sua graça. Não adiantará exigir uma reestruturação da lógica humana em benefício do conhecimento de Deus. Quem quer que exija uma lógica mais alta deve preservar as leis existentes da lógica para escapar de defender a causa do absurdo ilógico" (*God, Revelation and Authority*, III, 229).

Segundo Henry, as questões que se levantam nos círculos ortodoxos sobre se a Bíblia contém paradoxo lógico, sobre o grande divórcio entre a lógica de Deus e a mera lógica humana, e assim por diante, é o resultado da epistemologia dialética da neo-ortodoxia (*op. cit.*, 214ss.). Ronald Nash confirma o que já tem sido observado acima: "Se não há absolutamente nenhum ponto de contato entre a lógica divina e a assim chamada lógica humana, então o que se passa como 'pregação' humana nunca pode ser válida". Em outras palavras, sem esse ponto de contato, o homem nunca poderia conhecer verdadeiramente qualquer coisa que fosse (*op. cit.*, 96).

As leis da lógica, então, são essenciais para o homem ter conhecimento. Aparte da lei da contradição, nem A e nem não-A, por exemplo, Gênesis 1:1: seria uma proposição sem sentido. "No princípio Deus criou os Céus e a Terra" não pode ao mesmo tempo significar "No princípio Deus não criou os Céus e a Terra". Elimine a lei da contradição como axiomática, e você terá eliminado o significado de toda a Escritura.

Apelar para passagens bíblicas tais como Isaías 55:3,9, os pensamentos e os caminhos de Deus são mais altos do que aqueles da humanidade, para contradizer a posição tomada nesse artigo, é ilusório. Nenhum cristão ortodoxo questiona a diferença quantitativa entre o conhecimento, pensamentos, caminhos, etc., de Deus e dos homens. O que é questionado é a diferença qualitativa. Isto é, a diferença entre os pensamentos de Deus e os pensamentos do homem é uma de grau, e não de tipo. Qualquer exegese dessa passagem que conclua que os pensamentos de Deus são totalmente de outra espécie do que os pensamentos do homem tropeça sobre o mandamento para que os ímpios esqueçam os seus pensamentos e pensem como Deus pensa.

Escrevendo sobre esse assunto, Gordon Clark diz: "Certamente, a Escritura diz que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos e os Seus caminhos não são os nossos caminhos. Mas é uma boa exegese dizer que isso significa que a Sua lógica, a Sua aritmética e a Sua verdade não são as nossas? Se sim, quais seriam as conseqüências? Isso significaria não somente que as nossas adições e subtrações estão todas erradas, mas também que todos os nossos pensamentos, na história bem como na aritmética, estão todos errados". Assim, diz Clark, "devemos insistir que a verdade é a mesma para Deus e para o homem" (*The Philosophy of Gordon Clark*, 76).

O que, então, devemos concluir sobre a alegada ilusão do paradoxo bíblico na Bíblia? Tem sido dito o suficiente para mostrar os sérios problemas levantados com tal conceito. Mas é necessário que seja dito mais. Robert Reymond propõe três obstáculos insuperáveis que aqueles que declaram tal visão errante devem tratar (*Preach the Word*, 30-31):

1) Como notado acima, o assunto de o que é e o que não é um paradoxo é totalmente subjetivo. Para se reivindicar universalmente que tal e tal ensino é um paradoxo se requereria, dessa forma, a onisciência. Como alguém pode saber que esse ensino não tenha sido reconciliado diante do tribunal da razão humana de alguém?

2) Mesmo quando alguém reivindica que a contradição aparente é meramente “aparente”, há sérios problemas. “Se realmente verdades não-contraditórias podem parecer como contradições e se nenhuma quantidade de estudo ou reflexão pode remover a contradição, não há meios disponíveis para distinguir entre essa contradição ‘aparente’ e uma contradição real” (*ibid.*). Como, então, o homem sabe se ele está abraçando uma contradição real (a qual se encontrada na Bíblia [uma impossibilidade; 1 Coríntios 14:33], reduziria a Escritura ao mesmo nível do contraditório Alcorão do Islamismo) ou uma contradição aparente?

3) Uma vez que alguém afirma (com Barth e Brunner) que a verdade pode vir numa forma de contradições irreconciliáveis, então, “ele abandonou toda possibilidade de jamais detectar uma falsidade real. Toda vez que ele rejeita uma proposição como falsa porque ela ‘contradiz’ o ensino da Escritura ou porque ela é de alguma forma ilógica, o responsável pela proposição precisa apenas contender que ela somente *parece* contradizer a Escritura ou ser ilógica, e que a sua proposição é um... daqueles muitos paradoxos que temos reconhecido ter um lugar legítimo em nossos ‘pequenos sistemas’” (*ibid.*). Esse sendo o caso, a exclusividade do Cristianismo com a única religião verdadeira revelada morrerá a morte de milhares de qualificações.

Qual é a nossa conclusão? Simplesmente esta: A Bíblia não contém paradoxo lógico. Clark está correto; quaisquer assim chamados paradoxos lógicos encontrados na Sagrada Escritura são nada mais que câimbras musculares entre os ouvidos que podem ser eliminadas pela massagem racional; elas são o resultado de exegese defeituosa, não da Palavra de Deus. Qualquer tropeço nessa área conduzirá (no mínimo) a uma queda no absurdo neo-ortodoxo.

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)  
Cuiabá-MT, 24 de Julho de 2005.